



## Uma perspectiva pós-moderna sobre o filme “As Invasões Bárbaras”<sup>1</sup>

Carolina Rabelo da SILVA<sup>2</sup>

Édipo de Queiroz SANTIAGO<sup>3</sup>

Renata Simões FERNANDES<sup>4</sup>

Fábio Fonseca de CASTRO<sup>5</sup>

Universidade Federal do Pará, Pará, PA

*Um mundo de presente eterno, sem origem ou destino, passado ou futuro; um mundo no qual é impossível achar um centro ou qualquer ponto ou perspectiva do qual seja possível olhá-lo firmemente e considerá-lo como um todo; um mundo em que tudo que se apresenta é temporário, mutável ou tem o caráter de formas locais de conhecimento e experiência (...) é um fim à modernidade e a tudo que ela prometeu e propôs. Krishan Kuman*

### RESUMO

O presente trabalho visa analisar o filme “As Invasões Bárbaras” de 2003, dirigido pelo canadense Denys Arcand, a partir de conceitos da pós-modernidade, tomando por base os aportes teóricos de Fredric Jameson, Charles Lemert e Jair Ferreira dos Santos. O enredo do filme se dá em torno de Rémy, um professor universitário que está prestes a morrer, acometido por um câncer, na cidade de Montreal, no Canadá.

**PALAVRAS-CHAVE:** pós-modernidade; Invasões Bárbaras; filme; teorias.

### INTRODUÇÃO

Não é difícil perceber que se vive uma época de grandes perturbações. Caracterizada por mudanças significativas provocadas e vividas pelo homem. Para muitos teóricos, filósofos, sociólogos, analistas sociais e estudiosos, se vive a pós-modernidade, que surgiu com a

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Líder do grupo e estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: [carolina\\_rabelos@hotmail.com](mailto:carolina_rabelos@hotmail.com)

<sup>3</sup>Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: [egs@hotmail.com](mailto:egs@hotmail.com)

<sup>4</sup>Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: [re\\_si\\_fe@yahoo.com.br](mailto:re_si_fe@yahoo.com.br)

<sup>5</sup>Orientador do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), e-mail: [fabio.fonsecadecastro@gmail.com](mailto:fabio.fonsecadecastro@gmail.com)

desconstrução de princípios e conceitos, adequados e impostos na modernidade. De acordo com Santos (1989):

Pós-modernismo é o nome aplicado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades avançadas desde 1950, quando, por convenção se encerra o modernismo (1900-1950). Ele nasce com a arquitetura e a computação nos anos 50. Toma corpo com a arte Pop nos anos 60. Cresce ao entrar pela filosofia pelos anos 70, como crítica da cultura ocidental. E amadurece hoje, alastrando-se na moda, no cinema, na música e no cotidiano programada pela tecnociência sem que ninguém saiba se é decadência ou renascimento cultural (SANTOS, 1989, p. 7-8).

A pós-modernidade é, em muitos momentos, avessa à modernidade, caracterizado por incertezas, fragmentações, valores diferenciados, vazios, efemérides, dentre outras.

É compreendido que rupturas que acontecem para demarcar um entre épocas, são significativamente reestruturações de uma para outra. “Aspectos que em um período ou sistema anterior eram subordinadas agora se tornam dominantes, e aspectos que tinham sido dominantes tornam-se agora secundários” (JAMESON, 2006, p. 41). Dessa forma, conceitos, modos, valores e representações de uma época, não desaparecem em sua totalidade quando uma nova se mostra e se instala socialmente.

A coexistência de características pós-modernas e modernas, assim como, a transição de uma para outra e a predominância de apenas uma corrente está exposta em diversas obras. E assim será feito neste trabalho, características pós-modernas serão conceituadas no filme “As invasões Bárbaras”, de Denys Arcand.

### **Enredo do filme “As Invasões Bárbaras”**



**Figura 1:** Cartaz do filme



“Les Invasions Barbares” de 2003, dirigido por Denys Arcand é o título original do filme “As Invasões Bárbaras”. O elenco é composto por atores canadenses como Rémy Girard (Rémy), Stéphane Rousseau (Sébastien), Dorothée Berryman (Louise), Dominique Michel (Dominique), Louise Portal (Diane), Yves Jacques (Claude), Pierre Curzi (Pierre), Marie-Josée Croze (Nathalie), Maria Hands (Gaëlle), Isabelle Blais (Sylvaine).

A habilidade do canadense Denys Arcand em retratar de forma peculiar no filme conflitos entre gerações diferentes, lhe rendeu, entre outros prêmios o de melhor filme estrangeiro no Oscar, melhor atriz com Marie-Josée Croze, melhor argumento no Festival de Cannes, melhor filme estrangeiro no *European Film Awards*, e o melhor filme estrangeiro no Grande Prêmio Cinema Brasil.

O filme “As Invasões Bárbaras”, se passa no Canadá e conta a história de Rémy, um professor universitário que descobre estar com câncer no cérebro em estágio avançado. Internado num hospital de corredores superlotados de Quebec, província canadense, ele tem que suportar a decadência da assistência pública. A sua ex-mulher Louise, apesar das infidelidades do marido, fica ao seu lado. Ela até consegue chamar o filho do casal, Sébastien, que possui uma relação conturbada com o pai. Sébastien mora em Londres, e trabalha no mercado financeiro. Sylvaine, a irmã de Sébastien é uma tripulante de veleiro que navega pelo mundo e que no momento, está chegando à Austrália. A pedido da mãe, Sébastien entra em contato com os amigos de Rémy, para que venham estar juntos do amigo. Com dinheiro farto, Sébastien compra tudo que é possível para dar conforto ao pai, que vive os últimos momentos de sua vida. O grupo de amigos e parentes que passam os últimos dias com Rémy é formado por amigos professores, antigas amantes, a ex-mulher e um casal gay.

### **Análise de subjetividades históricas pós-modernas em “As Invasões Bárbaras”**

O filme inicia-se com uma rígida demarcação temporal, onde relógios informam as horas de Londres 14h30 e Montreal 9h30. Contudo, o decorrer do filme produz uma diluição temporal cujas referências passam a ser à noite e o dia. Um traço marcadamente pós-moderno, é o presente eterno em que o personagem Rémy está enclausurado em um quarto de hospital, movido por uma sensação de desreferencialização.

Para Santos (1989) “a desreferencialização do real representa o sujeito (indivíduo) que perde a substância interior, sente-se vazio”. Depois de passar por todas as fases da vida,

usufruindo e acreditando nos discursos mais repetitivos, o indivíduo, talvez possa desacreditar que tudo seja verdade, e compreende que tudo no qual acreditava não mais é, assim então, a sensação de vazio aparece, por vezes, esporadicamente ou constantemente. No caso de Rémy, aparece esporadicamente, uma vez que no decorrer do filme, acontecimentos se desmembram para que tal situação mude.

O ambiente pós-moderno é dominado pela tecnociência aplicada à informação e à comunicação, alterando as formas humanas de pensamento, percepção, tempo e espaço. O cotidiano foi invadido pela tecnologia eletrônica e o indivíduo passou a ter o seu dia cada vez mais programado. Há uma confluência entre a máquina e o corpo, o humano e o tecnológico. Para Lemert (2000):

Não é só que a tecnologia *permite* às pessoas uma comunicação mais próxima uma com as outras, criando uma aldeia global; trata-se igualmente do fato de os processos de globalização terem tal natureza que alteraram fundamentalmente a maneira como se vivencia o mundo. Hoje, o contato humano está não só intensificado como também reorganizado, de maneira estranha – nem sempre para melhor (LEMERT, 1997, p.42).

Tal característica está frequentemente presente no longa-metragem. A começar pelo próprio trabalho de Sébastien, que necessita dos computadores, internet e telefones. Mesmo longe do trabalho, ele continua utilizando a tecnologia para continuar com os negócios. Quando o filho de Rémy descobre que seu laptop foi roubado no hospital, o mesmo entra em desespero, demonstrando sua dependência tecnológica. Através da internet, Sébastien manda um e-mail para avisar sua irmã, que se encontra na Austrália, para avisá-la sobre o estado do pai. Por meio do celular, ele pede para os amigos de Rémy visitá-lo no hospital. E, através da mediação do laptop em conjunto com a internet, Rémy assiste as duas mensagens em vídeo enviadas por sua filha.

De acordo com Jameson (2006), o surgimento da pós-modernidade e de um novo tipo de sociedade está intimamente relacionado com o surgimento do capitalismo tardio de consumo ou capitalismo multinacional. O capitalismo se transformou através da mundialização crescente das estruturas sociais e econômicas. “A ausência de um centro político e econômico incontestado nos negócios do mundo desde o colapso da hegemonia norte-americana do pós-guerra constitui o mais marcante fato da atual ordem mundial” (LEMERT, 2000, p. 56). No âmbito da economia, a pós-modernidade está presente no fenômeno do consumismo, que “associado a uma espécie de estilização dos hábitos de consumo e dos objetos ou ideais consumidos, alcança um novo caráter, talvez estruturante



da sociabilidade humana e da organização social” (CASTRO, 2007, p. 9-10). Os valores, então, estão calcados no prazer de usar bens e serviços.

Através do recurso financeiro, o economista toma todas as providências, sempre distribuindo dinheiro para conseguir proporcionar mais conforto aos últimos dias de seu pai. Para conseguir um quarto individual no andar desativado do hospital, Sébastien precisou subornar a diretoria e o sindicato dos trabalhadores do hospital. O economista afirma não ter problema com o dinheiro e paga um valor alto em um exame de maior precisão. Além disso, ele paga a visita de três ex-alunos que esnobaram Rémy em sua despedida da universidade, além da compra de heroína para aliviar as fortes dores de seu pai, procedimento indicado por um amigo médico. Simultaneamente, Sébastien continua a operar no mercado, mantendo-se frio diante dos acontecimentos.

Um dos elementos para se compreender a obra, é estabelecer um paralelo entre Rémy e Sébastien. O primeiro é herdeiro de uma tradição que concentra suas expectativas no futuro, na construção de avanços coletivos e universais, apesar de certo desencanto com a cena política e científica. O último personifica o capitalismo contemporâneo, caracterizado pela mercantilização ostensiva da informação, ele opera uma bolsa de valores, templo dos fluxos monetários e, portanto do capitalismo financeiro. O pragmatismo e o individualismo são características fortes nesses personagens, que se tornam reféns das necessidades presentes.

Rémy se define socialista e demonstra estar em conflito com as questões da globalização atuais. Ele se manteve fiel aos seus valores ao recusar sua transferência para os Estados Unidos e permanecer em um hospital público precário. Enquanto Sébastien possui sua identidade cultural baseada no consumo, sendo definido pelo próprio pai como um capitalista ambicioso e puritano. O apego ao sentido de nação como definidor de identidade cultural torna a relação de Rémy com seu filho, distante e complexa.

Na verdade, Rémy está decepcionado com o uso letal do conhecimento que a indústria bélica engendrara durante as duas grandes Guerras. Isso sinaliza o desencanto que a humanidade sofre quando percebe o desvirtuamento dos objetivos científicos, seja pela ótica da concentração de renda gerando mazelas nas mais diversas faces do planeta, seja pela não resolução dos problemas de saúde mais elementares em nações subdesenvolvidas.

“O esvaziamento das energias utópicas” e o “fim das metanarrativas” são expostos no filme no momento que alguns personagens estão na sacada da casa de campo e declaram uma intermitente adesão à ideologias que eles aderiram: Separatistas, Independentistas,



Monarquistas, Monarquistas-associanistas, Existencialismo, Anticolonialistas, Marxistas, Lenistas, Trotskistas, Maoístas, Soljenitsyn, Estruturalistas, Situacionistas, Feministas e Desconstrucionistas, além de terem lido Camus, Marcuse e Sartre. Essa alternância ideológica caracteriza a mística que envolve a política movida pelos movimentos micrológicos. Para Lemert (2000):

A modernidade é, assim, a cultura que acredita em certas metanarrativas, ou histórias amplamente partilhadas, sobre o valor e a “verdade” da ciência e da própria verdade. Essa é uma importante maneira pela qual a ciência é um discurso. Em suma, portanto, a pós-modernidade é uma cultura em que essas metanarrativas já não são consideradas completamente legítimas e, assim, não são universalmente tidas como críveis por completo (LEMERT, 2000, p. 61).

Segundo Castro (2007) “as metanarrativas são grandes discursos que agrupam diferentes discursos (ciência, arte, moral, dentre outros) gerando uma ilusão de coerência”. E acrescenta que se produz metanarrativas sobre a história, cultura, identidade nacional, etc. Na modernidade há uma rejeição aos grandes discursos, ou melhor, às metanarrativas, valoriza-se as pequenas narrativas, discursos locais, uma vez que se contraria qualquer ideia de unidade.

No filme a ciência, por sua vez, revelou-se incapaz de satisfazer as expectativas humanas. Isso fica claro quando o próprio médico, amigo de Sébastien, atesta a incapacidade da ciência de curar e amenizar a dor, ao recomendar o uso de heroína (um tratamento alternativo) como uma maneira de atenuar o sofrimento de Rémy. Esse misticismo, em que as curas alternativas tomam o lugar da ciência, pode ser expresso na recomendação da esposa do amigo de Rémy, que propõe a compra de um livro “O poder da cura” para sanar a doença do protagonista.

Em muitos momentos do filme, o personagem Rémy, juntamente com seus amigos, falam abertamente de uma prática pós-moderna, que é o liberalismo sexual. Tal prática evidencia-se, sobretudo, na deserção familiar, na qual as ligações são abertas, os relacionamentos são tênues e há uma quebra maior do paradigma do casal heterossexual.

### **O niilismo, o vazio e as deserções impressos em “As Invasões Bárbaras”.**

No contemporâneo, os tradicionais esquemas de produção da visão de mundo – que fundaram a Modernidade – perderam sua eficácia. “Por ora, contentemo-nos em saber que o *pós* contém um *des* – um princípio esvaziador, diluidor. O pós-modernismo desenche,



desfaz princípios, regras, valores, práticas, realidades” (SANTOS, 1989, p. 18). Os primeiros exemplos são a desreferencialização do real e a dessubstancialização do sujeito, ou seja, a realidade se degrada em fantasmagoria e o indivíduo perde a substância interior, sente-se vazio. Além disso, o indivíduo atual é sincrético, ou seja, sua natureza é confusa, indefinida e plural.

O pós-modernismo, então, ameaça encarnar hoje estilos de vida e de filosofia em que vigorem o niilismo, o nada, o vazio, a ausência de valores e de sentido para a vida. Rémy, desesperado com a morte iminente, sente-se fracassado por não ter conseguido aprender o sentido da vida. Apesar de se sentir inútil, assim como o dia em que nasceu, ele afirma não querer parar de viver por amar a vida e os prazeres que ela proporciona - como o vinho, livros, música e as mulheres. Tal característica também pode ser observada em sua filha, Sylvaine, que é representada como uma habitante do mundo sem fronteiras. Por estar em constante busca do desconhecido pelos oceanos, sua identidade apresenta-se de forma incerta e aberta. Já Nathalie, filha de uma amiga de Rémy, não vê significado na vida e, provavelmente, tentou buscar nas drogas algum sentido.

A deserção é um aspecto novo da massa pós-moderna, que pode abalar uma sociedade ao afrouxar os laços sociais. Há um esvaziamento e novas atitudes substituindo as tradicionais. Segundo Santos (1989), há um bom tempo a família não é o foco da existência individual. Isso é corroborado no filme, na representação da família do protagonista Rémy, pois a família nuclear está esfacelada. Com apenas seis meses de casado, Rémy traiu sua esposa pela primeira vez. Desde então, passou a ter amantes e casos amorosos com alunas ao longo da vida. Por conta desses ressentimentos, a esposa de Rémy o acompanha no hospital mais por obrigação do que por amor. Sua filha, com quem o pai tem uma forte identificação, está em alto-mar e mesmo sabendo das condições críticas da saúde de seu pai ela nem tenta retornar para revê-lo. Seu filho Sébastien, vem ao encontro do pai, que se encontra em um hospital precário do Canadá. Isso caracteriza um traço marcadamente pós-moderno, a deserção familiar. De acordo com Santos (1989):

Há um bom tempo a família não é foco da existência individual. A escola e o *mass media* predominam na formação da personalidade (...) no lugar da família guardiã moral, apoio psicológico, a pós-modernidade propõe ligações abertas tipo amizade colorida (SANTOS, 1989, p. 93).

Entre os amigos do protagonista Rémy, estão uma ninfomaníaca que despreza os homens, transformando-os em meros objetos de prazer, uma mulher liberada transformada em solteirona solitária, um pai de meia-idade casado com uma esposa inconsequente que



cumprir o papel de proporcionar-lhe a ilusão de continuidade de uma vida sexual ativa e, um casal homossexual de meia-idade.

Há também a deserção religiosa. “As religiões antigas cedem ante uma porção de pequenas seitas sem futuro, os indivíduos procuram credos menos coletivos, mais personalizados” (SANTOS, 1989, p. 94). O indivíduo pós-moderno não é religioso, é psicológico.

A deserção religiosa é ilustrada no filme por meio de diálogos entre Rémy e a missionária que visita o hospital. O descrédito de Rémy lançado à religião se pauta, não somente em sua orientação socialista, mas se baseia em acontecimentos históricos em que a Igreja Católica desencanta seus seguidores, seja no genocídio aos índios durante a missão civilizatória ou pela omissão da igreja diante do assassinato dos judeus nos campos de concentração. A deserção religiosa também pode ser exemplificada no diálogo do padre que tenta vender artigos religiosos para Gäelle, pelo esvaziamento das igrejas, acontecimento esse, que nem ele consegue explicar suas razões. Para Santos (1989):

Pós-modernismo, já se disse, é o tumulto da fé. As religiões antigas cedem ante uma porção de pequenas seitas sem futuro, os indivíduos procuram credos menos coletivos, mais personalizados (meditações, zenbudismo, yoga, esoterismo, astrologia) e a transcendência divina acabará fechando por falta de clientes (SANTOS, 1989, p. 94).

De fato as religiões, seitas, grupos se proliferaram, em virtude das angústias de um mundo cada vez mais complexo, repleto de indagações e mistérios, e assim será por muito tempo, e a procura pelo divino, por algo sublime, alheio a contestações, aumentará, e não cederá como Santos (1989) aponta.

A massa moderna acreditava que a História e seus países marchavam pela revolução ou pelo progresso. Entretanto, a massa pós-moderna perdeu esse otimismo e o senso de continuidade histórica. Em vários momentos do longa-metragem, o grupo de amigos, juntos a Rémy, se lembram da própria geração, que acreditou nas mudanças, se engajando em quase todos os “ismos” (como o marxismo, leninismo, maoísmo, trotskismo, entre outros). Por outro lado, na deserção da História, os indivíduos, em vez de crer e atuar na História, estão se concentrando em si mesmos, hiperprivatizando suas vidas. “Eles investem em saúde, informação, lazer, aprimoramento pessoal” (SANTOS, 1989, p. 91).

“Na política, demonstra-se a corrosão do papel do Estado como elemento fundamental do processo internacional, tal como proposto pela modernidade, sempre excessivamente crente das identidades nacionais e sociais” (CASTRO, 2007, p.6). No filme, a presença da





deserção do político e do ideológico, pode ser observada quando Sébastien parte em busca de heroína. Essa situação enfatiza a inoperância da polícia e a pressuposta falência da lei.

## CONSIDERAÇÕES

A reflexão sobre o filme “Invasões Bárbaras” de Denys Arcand, ressalta traços marcadamente pós-modernos, pondo em prática o conceito de aversão à modernidade.

As “Invasões Bárbaras” retrata um drama pessoal para representar a desconstrução de ideologias nas mudanças de um todo, assim como a pós-modernidade, que reestrutura a sociedade moderna das crenças no progresso, da ciência, da tecnologia, do individualismo, da composição fechada de família, da personalidade padrão e estável, da definição dos sexos, para uma sociedade cética, que adota identidades múltiplas, mesmo causando conflitos existenciais, que caminha para a deserção familiar, religiosa, social, que busca viver a sexualidade livremente. Lemert (2000) afirma que:

Nos termos mais simples, dizem alguns que o pós-modernismo se refere a esse estranho fato de aspectos históricos do mundo não relacionados entre si se acharem hoje embaralhados uns com os outros. O pós-modernismo, embora seja uma coisa deveras complicada de compreender, tem a ver principalmente com essa ideia. Em consequência, são pós-modernistas os que acreditam que o mundo mudou de alguma maneira difícil de descrever, mas inconfundível, em que as coisas estão fora de ordem, se bem que de uma maneira dotada de sentido. As ordens racionais da vida moderna estão meio que rearranjadas de modos estranhos e incongruentes, que, não obstante, parecem normais apesar de sua anormalidade (LEMERT, 2000, p. 42).

As invasões bárbaras de que fala o filme, são crises múltiplas que assolam a modernidade contemporânea e recolocam em debate as fronteiras simbólicas entre civilização e barbárie, passando, principalmente, pelas questões de identidade nacional diante da globalização ou mundialização.



## REFERÊNCIAS

ARCAND, Denys. **Invasões Bárbaras**. Direção de Denys Arcand. Argentina, 2003, 99 min. color.

**As Invasões Bárbaras**. Disponível em <<http://www.adorocinema.com/filmes/invasoes-barbaras/>>. Acesso em: 20 nov. 2010.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Introdução e problematização. Definindo o campo de estudos de uma “teoria da pós-modernidade”** Belém, 2007.

JAMESON, Fredric. **A virada cultural: reflexões sobre a pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMERT, Charles. **Pós-modernismo não é o que você pensa**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é Pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 1989.